

PÁLIDA ELVIRA*

(A FRANCISCO PAZ)¹

Ulysse, jeté sur les rives d'Ithaque,² ne
les reconnaît pas et pleure sa patrie.
Ainsi l'homme dans le bonheur possédé
ne reconnaît pas son rêve et soupire.

DANIEL STERN³

I

Quando, leitora amiga, no ocidente
Surge a tarde esmaiada e pensativa;
E entre a verde folhagem recendente
Lânguida geme viração lasciva;
5 E já das tênues sombras do oriente
Vem apontando a noite, e a *casta diva*⁴
Subindo lentamente pelo espaço,
Do céu, da terra observa o estreito abraço;

II

10 Nessa hora de amor e de tristeza,
Se acaso não amaste e acaso esperas
Ver coroar-te a juvenil beleza
Casto sonho das tuas primaveras; →

* Esta edição do poema “Pálida Elvira” foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: FAL1870 (p. 167-210 – nessa edição há, abaixo do título, na p. 167, entre parênteses, esta indicação: (conto).), PC1901 (p. 137-176), PC1937 (p. 158-190), PC1953 (p. 180-212), OCA1959 (v. III, p. 68-90), PCEC1976 (p. 285-313), OCA1994 (v. III, p. 69-90), TPCL (p. 174-202), PCRR (p. 117-144) e OCA2015 (v. 3, p. 455-479). Texto-base: PC1901. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda, com a colaboração de Alex Sander Luiz Campos.

¹ (A FRANCISCO PAZ)] A / FRANCISCO RAMOS PAZ. – em FAL1870 (na p. 169); A Francisco Ramos Paz – em TPCL; (A Francisco Ramos Paz) – em PCRR; A Francisco Ramos Paz – em OCA2015.

² d'Ithaque,] *d'Ithaque*, – em OCA1959.

³ Daniel Stern (1805-1876): pseudônimo de Marie d'Agoult. O trecho citado vem em *Esquisses morales: pensées, réflexions et maximes* (1859), obra que Machado de Assis possuía em sua biblioteca. Ver MIASSO, 2017, p. 269-277.

⁴ *casta diva*: a lua.

Não sentes escapar tua alma acesa
Para voar às lúcidas esferas?
15 Não sentes nessa mágoa e nesse enleio
Vir morrer-te uma lágrima no seio?

III

Sente-lo? Então entenderás⁵ Elvira,⁶
Que assentada à janela, erguendo o rosto,
O voo solta à alma que delira
20 E mergulha no azul de um céu de agosto;⁷
Entenderás então por que suspira,
Vítima já de um íntimo desgosto,
A meiga virgem, pálida e calada,
Sonhadora, ansiosa e namorada.

IV

25 Mansão de riso e paz, mansão de amores⁸
Era o vale. Espalhava a natureza,
Com dadivosa mão, palmas e flores
De agreste aroma e virginal beleza;
Bosques sombrios de imortais verdores,
30 Asilo próprio à inspiração acesa,⁹
Vale de amor, aberto às almas ternas¹⁰
Neste vale de lágrimas eternas.

V

A casa, junto à encosta de um outeiro,
Alva pomba entre folhas parecia;¹¹
35 Quando vinha a manhã, o olhar primeiro
Ia¹² beijar-lhe a verde gelosia;
Mais tarde a fresca sombra de um coqueiro¹³
Do sol quente a janela protegia;
Pouco distante, abrindo o solo adusto,
40 Um fio d'água murmurava a custo.

VI

Era uma joia a alcova em que sonhava
Elvira, alma de amor. Tapete fino →

⁵ entenderás] entenderás, – em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015.

⁶ Elvira,] Elvira. – em PC1937.

⁷ agosto;] Agosto; – em FAL1870; agosto, – em TPCL.

⁸ amores] amores. – em TPCL.

⁹ acesa,] acesa. – em FAL1870(?), em PCEC1976 e em TPCL.

¹⁰ ternas] ternas, – em TPCL.

¹¹ parecia;] parecia: – em FAL1870 e em PC1937.

¹² Ia] In – em PC1901.

¹³ coqueiro] coqueiro, (?) – em PCEC1976; coqueiro. – em TPCL.

De apurado lavor o chão forrava.
De um lado¹⁴ oval espelho cristalino
45 Pendia. Ao fundo, à sombra, se ocultava
Elegante, engraçado, pequenino
Leito em que, repousando a face bela,
De amor sonhava a pálida donzela.

VII

Não me censure o crítico exigente
50 O ser pálida a moça;¹⁵ é meu costume
Obedecer à lei de toda a gente
Que uma obra compõe de algum volume.
Ora, no nosso caso, é lei vigente
Que um descorado rosto o amor resume.
55 Não tinha Miss Smolen¹⁶ outras cores;
Não as possui¹⁷ quem sonha com amores.

VIII

Sobre uma mesa havia um livro aberto;¹⁸
Lamartine, o cantor aéreo e vago,
Que enche de amor um coração deserto;
60 Tinha-o lido; era a página do *Lago*.
Amava-o; tinha-o sempre ali bem perto,
Era-lhe o anjo bom, o deus, o orago;
Chorava aos cantos da divina lira...¹⁹
É²⁰ que o grande poeta amava Elvira!²¹

IX

65 Elvira! o mesmo nome!²² A moça os lia,
Com lágrimas de amor, os versos santos,
Aquele eterna e lânguida harmonia
Formada com suspiros e com prantos;
Quando escutava a musa da elegia
70 Cantar²³ de Elvira os mágicos encantos,
Entrava-lhe a voar a alma inquieta,
E com o amor²⁴ sonhava de um poeta.

¹⁴ lado] lado, – em OCA2015.

¹⁵ moça;] moça – em OCA1994.

¹⁶ Miss Smolen] *Miss Smolen* – em OCA1959 e em OCA1994. Miss Smolen: personagem (muito pálida) do poema “Le saule”, de Alfred de Musset (*Premières poésies*, 1859). Ver MIASSO, 2017, p. 271.

¹⁷ Não as possui] Não nas possui – em FAL1870.

¹⁸ aberto;] aberto: – em PC1937.

¹⁹ lira...] lira.... – em FAL1870.

²⁰ É] E – em PC1937.

²¹ Elvira é nome que figura nas poesias de Alphonse de Lamartine (1790-1869), poeta romântico francês; “O lago” é um de seus mais célebres poemas. Ver MIASSO, 2017, p. 270-271.

²² o mesmo nome!] O mesmo nome! – em PCRR e em OCA2015.

²³ Cantar] Cantor – em PC1901 e em PC1937.

²⁴ E com o amor] E coo amor – em FAL1870; E com amor – em PCRR.

X

Ai, o amor de um poeta! amor subido!
Indelével, puríssimo, exaltado,
75 Amor eternamente convencido,
Que vai além de um túmulo fechado,
E que²⁵ através dos séculos ouvido,
O nome leva do objeto amado,
Que faz de Laura²⁶ um culto, e tem por sorte
80 Negra fouce²⁷ quebrar nas mãos da morte.

XI

Fosse eu moça e bonita... Neste lance
Se o meu leitor é já homem sisudo,
Fecha tranquilamente o meu romance,
Que não serve a recreio nem a estudo;
85 Não entendendo a força nem o alcance
De semelhante amor, condena tudo;
Abre um volume sério, farto e enorme,
Algumas folhas lê, boceja... e dorme.

XII

Nada perdes, leitor, nem perdem nada
90 As esquecidas musas; pouco importa
Que tu, vulgar matéria condenada,
Aches que um tal amor é letra morta.
Podes, cedendo à opinião honrada,
Fechar à minha Elvira a esquiva porta.²⁸
95 Almas de prosa chã, quem vos daria
Conhecer todo o amor que há na poesia?

XIII

Ora, o tio de Elvira, o velho Antero,
Erudito e filósofo profundo,
Que sabia de cor o velho Homero,
100 E compunha os anais do²⁹ Novo Mundo;
Que escrevera uma vida de Severo,³⁰
Obra de grande tomo e de alto fundo;
Que resumia em si a Grécia e Lácio,
E num salão falava como Horácio;

²⁵ E que] E que, – em FAL1870.

²⁶ Laura de Noves: dama provençal imortalizada nas *Rimas* de Petrarca (1304-1374).

²⁷ fouce] foice – em PC1953, em TPCL, em PCRR e em OCA2015.

²⁸ porta.] porta – em PC1937.

²⁹ do] da – em PC1901 e em PC1937.

³⁰ Severo: há diversos personagens na história antiga com este nome. Só imperadores romanos foram dois. A referência, aqui, deve ser a Septímio Severo, imperador romano de 193 a 211. Foi o primeiro cidadão oriundo de província (nasceu na Líbia), sem ascendentes romanos, a alcançar o trono.

XIV

105 Disse uma noite à pálida sobrinha:
“Elvira, sonhas tanto! devaneias!
Que andas a procurar, querida minha?
Que ambições, que desejos ou que ideias
Fazem gemer tua alma inocentinha?
110 De que esperança vã, meu anjo, anseias?
Teu coração de ardente amor suspira;
Que tens?³¹ – Eu nada,³² respondia Elvira.³³

XV

“Alguma coisa tens!”³⁴ tornava o tio;
“Por que³⁵ olhas tu as nuvens do poente,
115 Vertendo às vezes lágrimas a fio,
Magoada expressão d’alma doente?
Outras vezes³⁶ olhando a água do rio,
Deixas correr o espírito indolente,
Como uma flor que ao vento ali tombara,
120 E a onda murmurando arrebatara.”³⁷

XVI

“– *Latet anguis in herba...*”³⁸ Neste³⁹ instante
Entrou a tempo o chá... perdão,⁴⁰ leitores,
Eu bem sei que é preceito dominante
Não misturar comidas com amores;⁴¹ →

³¹ Que tens?] Que tens?” – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994, em PCRR e em OCA2015.

³² – Eu nada,”] – Eu nada”, – em PC1937; – “Eu? nada”, – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, e em OCA1994; – ‘Eu? nada’, – em TPCL; – “Eu nada,” – em PCRR; – “Eu nada”, – em OCA2015.

³³ Em algumas estrofes (porém não em todas – ver nota 187) como esta, que trazem diálogos de personagens, o texto-base traz aspas de abertura em todos os versos. Suprimimos essas aspas reiterativas, tanto em nossa edição como no registro de variantes. Conservamos apenas as aspas iniciais (de abertura) e as finais (de fechamento). Também não registramos diferenças relativas a essas aspas entre as edições confrontadas e o texto-base.

³⁴ “Alguma coisa tens!”] “Alguma coisa tens!” – em PC1953, em PCRR e em OCA2015; “Alguma coisa tens! – em OCA1959 e em OCA1994; Alguma coisa tens! – em TPCL.

³⁵ “Por que] Por que – em OCA1959 e em TPCL; “Porque – em PCRR.

³⁶ Outras vezes] Outras vezes, – em FAL1870, em PCRR e em OCA2015.

³⁷ arrebatara.”] arrebatara”. – em PC1937; arrebatara. – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976 e em OCA1994.

³⁸ “– *Latet anguis in herba...*”] “*Latet anguis in herba...*” – em PC1953; *Latet anguis in herba...*” – em OCA1959 e em OCA1994; – *Latet anguis in herba...* – em TPCL. “Esconde-se a serpente na relva...”, expressão empregada pelo poeta Virgílio (*Éclogas*, 3, 93).

³⁹ Neste] Nesse – em PCEC1976, em TPCL e em OCA2015.

⁴⁰ perdão,] Perdão, – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

⁴¹ Em data próxima à da composição deste poema, Machado de Assis retomou esse argumento no conto “Almas agradecidas”, publicado no *Jornal das Famílias* (1871, março, p. 65-75, e outubro, p. 96-108): “Magalhães animou o rapaz, que o convidou a cear, não porque o amor lhe deixasse largo campo às exigências do estômago, senão porque havia jantado pouco. / Eu peço perdão aos meus leitores, se entro nestas explicações a respeito da comida. / Quer-se um herói romântico, acima das necessidades vulgares da vida humana; mas não posso deixar de as mencionar, não por sistema, mas por ser fiel à história que estou contando.” (*Histórias românticas*, 1955, p.121-122)

125 Mas eu não vi, nem sei se algum amante
Vive de orvalho ou pétalas de flores;
Namorados estômagos consomem;
Comem Romeus, e Julietas comem.

XVII

130 Entrou a tempo o chá, e foi servi-lo,
Sem responder, a moça interrogada,
Cum ar tão soberano e tão tranquilo
Que o velho emudeceu. Ceia acabada,
Fez o escritor o costumado quilo,
Mas um quilo de espécie pouco usada,
135 Que consistia em ler um livro velho,⁴²
Nessa⁴³ noite acertou ser o Evangelho.

XVIII

Abrira em S. Mateus,⁴⁴ naquele passo
Em que o filho de Deus diz que a açucena
Não labora nem fia, e o tempo escasso
140 Vive, coo ar e o sol, sem dor nem pena;
Leu e estendendo o já trêmulo braço
À⁴⁵ triste, à melancólica pequena,
Apontou-lhe a passagem da Escritura
Onde lera lição tão reta e pura.

XIX

145 “Vês?⁴⁶ diz o velho, escusas⁴⁷ de cansar-te;
Deixa em paz teu espírito, criança:
Se existe um coração que deva amar-te,
Há de vir; vive só dessa esperança.
As venturas do amor um deus reparte;
150 Queres tê-las? põe nele a confiança.
Não persigas com súplicas a sorte;
Tudo se espera; até se espera a morte!⁴⁸

XX

A doutrina⁴⁹ da vida é esta: espera,
Confia, e colherás a ansiada palma;⁵⁰ →

⁴² velho;] velho: – em PC1937.

⁴³ Nessa] Ness – em PC1901.

⁴⁴ S. Matheus,] São Mateus, – em PCEC1976, em TPCL e em OCA2015.

⁴⁵ À] A – em FAL1870 e em PC1901.

⁴⁶ “Vês?] “Vês?” – em PCRR e em OCA2015.

⁴⁷ escusas] “escusas – em PCRR; “escusa – em OCA2015.

⁴⁸ morte!] morte!” – em TPCL.

⁴⁹ A doutrina] “A doutrina – em TPCL.

⁵⁰ palma;] palma, – em PC1937.

- 155 Oxalá que eu te apague essa quimera;⁵¹
Lá diz o bom Demófilo⁵² que à alma⁵³
Como traz a andorinha a primavera,
A palavra do sábio traz a calma,⁵⁴
O sábio aqui sou eu. Ris-te, pequena?
160 Pois melhor; quero ver-te uma açucena!”

XXI

- Falava aquele velho como fala
Sobre cores um cego de nascença.⁵⁵
Pear a juventude! Condená-la
Ao sono da ambição vivaz e intensa!⁵⁶
165 Coas leves asas da esperança orná-la
E não querer que rompa a esfera⁵⁷ imensa!
Não consentir que esta manhã de amores
Encha com frescas lágrimas as flores!⁵⁸

XXII

- Mal o velho acabava e justamente
170 Na rija porta ouviu-se uma pancada.
Quem seria? Uma serva diligente,
Travando de uma luz, desceu a escada.
Pouco depois rangia brandamente
A chave, e a porta aberta dava entrada
175 A um rapaz embuçado que trazia
Uma carta, e ao doutor falar pedia.

XXIII

- Entrou na sala, e lento, e gracioso,
Descobriu-se e atirou a capa a um lado;
Era um rosto poético e viçoso
180 Por soberbos cabelos coroados;
Grave⁵⁹ sem gesto algum pretensioso,
Elegante sem ares de enfeitado; →

⁵¹ quimera;] quimera – em FAL1870, PC1901, em PC1937 e em PCRR; quimera. – em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994; quimera! – em PCEC1976 e em TPCL. Introduzimos a pontuação por julgá-la imprescindível (diversos editores optaram pelo ponto-final; a edição crítica, por ponto de exclamação).

⁵² Demófilo: a referência, neste contexto, parece ser a Demófilo (?-386), bispo de Constantinopla, de onde foi expulso, por razões religiosas, pelo imperador Teodósio I, o Grande, em 380.

⁵³ alma] alma, – em FAL1870, em PC1953, em PCEC1976, em OCA1994, em TPCL e em OCA2015.

⁵⁴ calma,] calma. – em FAL1870(?), em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994, em TPCL e em OCA2015.

⁵⁵ nascença.] nascença – em PC1937.

⁵⁶ intensa!] intensa, – em PC1937; intensa. – em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL.

⁵⁷ que rompa a esfera] que a rompa a esfera – em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL.

⁵⁸ flores!] flores – em FAL1870.

⁵⁹ Grave] Grave, – em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL.

Nos lábios frescos um sorriso amigo,
Os olhos negros e o perfil antigo.

XXIV

185 Demais, era poeta. Era-o. Trazia
Naquele olhar não sei que luz estranha
Que indicava um aluno da poesia,
Um morador da clássica montanha,⁶⁰
Um cidadão da terra da harmonia,
190 Da terra que eu chamei nossa Alemanha,⁶¹
Nuns versos que hei de dar um dia a lume,
Ou nalguma gazeta, ou num volume.

XXV

Um poeta! e de noite! e de capote!
Que é isso, amigo autor? Leitor amigo.⁶²
195 Imagina que estás num camarote
Vendo passar⁶³ em cena um drama antigo,⁶⁴
Sem lança não conheço D. Quixote,⁶⁵
Sem espada é apócrifo um Rodrigo;⁶⁶
Herói que às regras clássicas escapa,
200 Pode não ser herói, mas traz a capa.

XXVI

Heitor (era o seu nome) ao velho entrega⁶⁷
Uma carta lacrada; vem do norte.⁶⁸
Escreve-lhe um filósofo colega
Já quase a entrar no tálamo da morte.
205 Recomenda-lhe o filho, e lembra, e alega,⁶⁹
A provada amizade, o esteio forte, →

⁶⁰ O monte Parnaso, consagrado a Apolo e às musas. Era o local sagrado dos poetas.

⁶¹ A referência é ao poema “Prelúdio”, o primeiro dos publicados em *Falenas* (mesma obra de que “Pálida Elvira” constitui a quarta parte). O poema, que foi excluído do livro por ocasião de sua segunda edição, nas *Poesias completas* (1901), pode ser lido na *Machadiana Eletrônica*, v. 5, n. 10, p. 15-16 e p. 49-51, 2022.

⁶² Leitor amigo.] Leitor amigo, – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994, em TPCL e em OCA2015.

⁶³ passar] passar-se – em FAL1870.

⁶⁴ antigo.] antigo. – em FAL1870(?), em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994, em TPCL e em OCA2015.

⁶⁵ D. Quixote.] Dom Quixote, – em PCEC1976 e em TPCL; dom Quixote, – em OCA2015.

⁶⁶ Herói da peça *Le Cid* (1636), de Pierre Corneille (1606-1684), inspirada na lenda de El Cid.

⁶⁷ Machado de Assis emprega este expediente, de só dizer o nome do personagem depois de ele já ter-se apresentado na narrativa, em muitos de seus contos. Veja-se, por exemplo, este trecho, do conto “A parasita azul”, publicado no *Jornal das Famílias* (1872, junho, p. 171-182; julho, p. 193-205; agosto, p. 225-241; setembro, p. 257-259): “– É verdade, disse Miguel (era o nome do homem [que já aparecera antes na narrativa]); fui encontrá-lo no fundo de uma ribanceira, quase sem vida, ontem de tarde.” (*Histórias da meia-noite*, 1955, p. 80)

⁶⁸ norte.] Norte. – em OCA1959 e em OCA1994.

⁶⁹ alega,] alega – em PC1953, em PCEC1976, em OCA1959, em OCA1994 e em TPCL.

Com que outrora, acudindo-lhe nos transes,
Salvou-lhe o nome de terríveis lances.

XXVII

Dizia a carta mais: “Crime ou virtude,⁷⁰
210 É meu filho poeta; e corre fama
Que já faz honra à nossa juventude
Coa viva inspiração de etérea chama;
Diz ele que, se o gênio não o ilude,
Camões seria se encontrasse um Gama.⁷¹
215 Deus o fade; eu perdoo-lhe tal sestro;
Guia-lhe os passos, cuida-lhe do estro.”⁷²

XXVIII

Lida a carta, o filósofo erudito
Abraça o moço e diz em tom pausado:
“Um sonhador do azul e do infinito!
220 É hóspede do céu, hóspede amado.
Um bom poeta é hoje quase um mito,⁷³
Se o talento que tem é já provado,⁷⁴
Conte coo meu exemplo e o meu conselho,⁷⁵
Boa lição é sempre a voz de um velho.”⁷⁶

XXIX

225 E trava-lhe da mão, e brandamente
Leva-o junto d’Elvira. A moça estava
Encostada à janela, e a esquiva mente
Pela extensão dos ares lhe vagava.
Voltou-se distraída, e de repente⁷⁷
230 Mal nos olhos de Heitor o olhar fitava,
Sentiu... Inútil fora relatá-lo;
Julgue-o quem não puder experimentá-lo.⁷⁸

XXX

Ó santa e pura luz do olhar primeiro!
Elo de amor que duas almas liga! →

⁷⁰ Dizia a carta mais: “Crime ou virtude,] Dizia a carta: “Crime ou virtude, – em FAL1870 (corrigido na errata).

⁷¹ Em *Os Lusíadas*, a viagem de Vasco da Gama é o objeto da narrativa.

⁷² estro.”] estro”. – em PC1937, em PC1953, em OCA1959 e em OCA2015; estro” – em OCA1994.

⁷³ mito,] mito. – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

⁷⁴ provado,] provado. – em PC1937.

⁷⁵ conselho,] conselho; – em FAL1870, em OCA1959 e em OCA1994; conselho. – em PC1937, em PC1953, em PCEC1976, em TPCL e em OCA2015.

⁷⁶ velho.”] velho”. – em PC1937, em PC1953, em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015.

⁷⁷ repente] repente, – em PC1953.

⁷⁸ experimentá-lo.] exp’rimentá-lo. – em PC1953 (esta grafia, de fato, indica a medida correta do verso, que é retomada deste outro, do episódio da Ilha dos Amores, de *Os Lusíadas* (IX, 83): “[Melhor é experimentá-lo que julgá-lo,] Mas julgue-o quem não pode experimentá-lo.”)

235 Raio de sol que rompe o nevoeiro
E casa a flor à flor! Palavra⁷⁹ amiga
Que, trocada um momento passageiro,
Lembrar parece uma existência antiga!
Língua, filha do céu, doce eloquência
240 Dos melhores momentos da existência!

XXXI

Entra a leitora numa sala cheia;
Vai isenta, vai livre de cuidado:
Na cabeça gentil nenhuma ideia,
Nenhum amor no coração fechado.
245 Livre como a andorinha que volteia
E⁸⁰ corre loucamente o ar azulado.
Venham dous olhos, dous,⁸¹ que a alma buscava...⁸²
Eras senhora? ficarás escrava!⁸³

XXXII

Cum só olhar escravos ele e ela
250 Já lhes pulsa mais forte o sangue e a vida;
Rápida corre aquela noite, aquela
Para as castas venturas escolhida;
Assoma já nos lábios da donzela
Lampejo de alegria esvaecida.
255 Foi milagre de amor, prodígio santo.
Quem mais fizera? Quem fizera tanto?

XXXIII

Preparara-se ao moço um aposento.
Oh! reverso da antiga desventura!
Tê-lo perto de si! viver do alento
260 De um poeta, alma lânguida, alma pura!
Dá-lhe, ó fonte do casto sentimento,
Águas santas, batismo de ventura!
Enquanto o velho, amigo de outra fonte,
Vai mergulhar-se em pleno Xenofonte.⁸⁴

XXXIV

265 Devo agora⁸⁵ contar, dia por dia,
O romance dos dous?⁸⁶ Inútil fora;⁸⁷ →

⁷⁹ Palavra] palavra – em OCA1959 e em OCA1994.

⁸⁰ E] É – em PC1901.

⁸¹ dous olhos, dous,] dois olhos, dois, – em PC1953, em TPCL, em PCRR e em OCA2015.

⁸² buscava...] buscava.. – em PC1901; buscava. – em PC1937 e em PC1953.

⁸³ Eras senhora? ficarás escrava!] Era senhora? ficará escrava! – em FAL1870.

⁸⁴ Xenofonte (c. 430 a.C.-c. 355 a.C.): historiador e filósofo ateniense, discípulo de Sócrates.

⁸⁵ agora] agoro – em PC1901 (corrigido na errata).

⁸⁶ dous?] dois? – em PC1953, em TPCL, em PCRR e em OCA2015.

⁸⁷ fora;] fora: – em PC1937 e em TPCL.

A história é sempre a mesma; não varia
A paixão de um rapaz e uma senhora.
Vivem ambos do olhar que se extasia
270 E conversa coa alma sonhadora;
Na mesma luz de amor os dous⁸⁸ se inflamam;⁸⁹
Ou, como diz Filinto: “Amados, amam.”⁹⁰

XXXV

Todavia a leitora⁹¹ curiosa
Talvez queira saber de um incidente;
275 A confissão dos dous;⁹² – cena espinhosa
Quando a paixão domina a alma⁹³ que sente.
Em regra, confissão franca e verbosa
Revela um coração independente;
A paz interior tudo confia,
280 Mas o amor, esse hesita e balbucia.

XXXVI

O amor faz monossílabos; não gasta
O tempo com análises compridas;
Nem é próprio de boca amante e casta
Um chuveiro de frases estendidas;
285 Um volver d’olhos lânguido nos basta
A⁹⁴ conhecer as chamas comprimidas;
Coração que discorre e faz estilo,
Tem as chaves por dentro e está tranquilo.

XXXVII

Deu-se o caso uma tarde em que chovia,⁹⁵
290 Os dous⁹⁶ estavam na varanda aberta.⁹⁷
A chuva peneirava, e além cobria
Cinzento véu o ocaso; a tarde incerta
Já nos braços a noite a recebia,⁹⁸
Como amorosa mãe que a filha aperta →

⁸⁸ dous] dois – em PC1953, em TPCL, em PCRR e em OCA2015.

⁸⁹ inflamam;] inflamam – em PC1937; inflamam, – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

⁹⁰ amam.”] amam”. – em PC1937, em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994. Filinto Elísio: pseudônimo árcade do poeta português Francisco Manuel do Nascimento (1734-1819). A expressão citada vem num verso da ode cujo primeiro verso é “Desterrado da Pátria, e dos Amigos,” que vem no t. III (p. 71-72) das *Obras* de Filinto Elísio. Nova edição. Lisboa: Tipografia Rolandiana, 1836.

⁹¹ leitora] leitosa – em PC1901 (corrigido na errata).

⁹² dous;] dois; – em PC1953, em TPCL, em PCRR e em OCA2015.

⁹³ alma] alma, – em PCRR.

⁹⁴ A] Por – em FAL1870.

⁹⁵ chovia,] chovia. – em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL.

⁹⁶ dous] dois – em PC1953, em TPCL, em PCRR e em OCA2015.

⁹⁷ aberta.] aberta; – em PC1953; aberta – em OCA1959 e em OCA1994.

⁹⁸ a noite a recebia,] a noite recebia, – em OCA1994.

295 Por enxugar-lhe os prantos magoados.
Eram⁹⁹ ambos imóveis e calados.

XXXVIII

Juntos, ao parapeito da varanda,
Viam cair da chuva as gotas finas,
Sentindo a viração fria, mas branda,¹⁰⁰
300 Que balançava as frouxas casuarinas.
Raras, ao longe, de uma e de outra banda,
Pelos do céu tristíssimas campinas,
Viam¹⁰¹ correr da tempestade as aves
Negras, serenas, lúgubres e graves.

XXXIX

305 De quando em quando vinha uma rajada
Borrifar e agitar a Elvira as tranças,¹⁰²
Como se fora a brisa perfumada
Que à palmeira sacode as tênues franças.
A frente gentilíssima e engraçada¹⁰³
310 Sacudia coa chuva as más lembranças;
E ao passo que chorava a tarde escura
Ria-se nela a aurora da ventura.

XL

“Que triste a tarde vai! que véu de morte
Cobrir parece a terra!¹⁰⁴ (o moço exclama).
315 Reprodução¹⁰⁵ fiel da minha sorte,
Sombra e choro.¹⁰⁶ – Por quê?¹⁰⁷ pergunta a dama;
Diz¹⁰⁸ que teve dos céus uma alma forte...¹⁰⁹
– É forte o cedro¹¹⁰ e não resiste à chama;¹¹¹
Leu versos meus em que zombei do fado?
320 Ilusões de poeta malgrado!¹¹²

⁹⁹ Eram] 'Stavam – em FAL1870.

¹⁰⁰ mas branda,] mais branda, – em PC1901 e em PC1937.

¹⁰¹ Viam] Via – em OCA1994.

¹⁰² tranças,] tranças. – em OCA1994.

¹⁰³ e engraçada] engraçada – em PCEC1976 e em TPCL.

¹⁰⁴ terra!] terra!” – em PCRR e em OCA2015.

¹⁰⁵ Reprodução] “Reprodução – em PCRR e em OCA2015.

¹⁰⁶ choro.] choro”. – em PC1953 e em OCA1959; choro.” – em OCA1994, em PCRR e em OCA2015.

¹⁰⁷ – Por quê?] – “Por quê? – em PC1953; “Por quê? – em OCA1959; ”“Por quê? – em OCA1994; – “Por quê?” – em PCRR e em OCA2015.

¹⁰⁸ Diz] “Diz – em PCRR e em OCA2015.

¹⁰⁹ forte...] forte...” – em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994.

¹¹⁰ – É forte o cedro] – É forte o bronze – em FAL1870; “– É forte o cedro – em PC1953; “É forte o cedro – em OCA1959 e em OCA1994.

¹¹¹ chama;] chama. – em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL.

¹¹² malgrado!] malgrado!” – em FAL1870, em PC1901, em PC1937, em PCRR e em OCA2015.

XLI

Somos¹¹³ todos assim. É¹¹⁴ nossa glória
Contra o destino opor alma de ferro;
Desafiar o mal, eis nossa história,
E o tremendo duelo é sempre um erro.
325 Custa-nos caro uma falaz vitória
Que nem consola as mágoas do desterro,
O desterro, – esta¹¹⁵ vida obscura e rude
Que a dor enfeita e as vítimas ilude.

XLII

Contra¹¹⁶ esse mal tremendo que devora
330 A seiva toda à nossa mocidade,
Que remédio haveríamos, senhora,
Senão versos de afronta e liberdade?
No entanto, bastaria acaso um’hora,
Uma só, mas de amor, mas de piedade,
335 Para trocar por séculos de vida
Estes de dor acerba e envilecida.”¹¹⁷

XLIII

Al não disse, e, fitando olhos ardentes
Na moça, que de enleio enrubescia,
Com discursos mais fortes e eloquentes
340 Na exposição do caso prosseguia;¹¹⁸
A pouco e pouco as mãos inteligentes
Travaram-se; e não sei se conviria
Acrescentar que um ósculo... Risquemos,
Não é bom mencionar estes¹¹⁹ extremos.

XLIV

345 Duas sombrias nuvens afastando,
Tênuo raio de sol rompera os ares,
E, no amoroso grupo desmaiando,
Testemunhou-lhe as núpcias singulares.
A nesga azul do ocaso contemplando,
350 Sentiram ambos irem-lhe¹²⁰ os pesares,
Como noturnas aves agoureiras
Que à luz¹²¹ fogem medrosas e ligeiras.

¹¹³ Somos] “Somos – em PC1937, em PCRR e em OCA2015.

¹¹⁴ É] E – em PC1901 (corrigido na errata) e em PC1937.

¹¹⁵ esta] essa – em PCRR e em OCA2015.

¹¹⁶ Contra] “Contra – em PCRR e em OCA2015.

¹¹⁷ envilecida.”] envelhecida.” – em FAL1870; envilecida”. – em PC1937 e em PC1953.

¹¹⁸ prosseguia;] prosseguia. – em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL.

¹¹⁹ estes] esses – em PCRR e em OCA2015.

¹²⁰ irem-lhe] irem-lhes – em OCA1994.

¹²¹ luz] lua – em FAL1870 (corrigido na errata) e em OCA2015.

XLV

Tinha mágoas o moço? A causa delas?
Nenhuma causa; fantasia apenas;
355 O eterno devanear das almas belas,
Quando as dominam férvidas camenas;¹²²
Uma ambição de conquistar estrelas,
Como se colhem lúcidas falenas;
Um desejo de entrar na eterna lida,
360 Um querer mais do que nos cede a vida.¹²³

XLVI

Com amores sonhava, ideal formado
De celestes e eternos esplendores,
A ternura de um anjo destinado
A encher-lhe a vida de perpétuas flores.
365 Tinha-o¹²⁴ enfim, qual fora antes criado
Nos seus dias de mágoas e amargores;
Madrugavam-lhe n'alma a luz e o riso;
Estava à porta enfim do paraíso.

XLVII

Nessa noite, o poeta namorado
370 Não conseguiu dormir. A alma fugira
Para ir velar o doce objeto amado,
Por quem, nas ânsias da paixão, suspira;
E é provável que, achando o exemplo dado,
Ao pé de Heitor viesse a alma de Elvira;¹²⁵
375 De maneira que os dous,¹²⁶ de si ausentes,
Lá se achavam mais vivos e presentes.

XLVIII

Ao romper da manhã, coo sol ardente,
Brisa fresca, entre as folhas sussurrando,
O não dormido vate acorda, e a mente
380 Lhe foi dos vagos sonhos arrancando.
Heitor contempla o vale resplendente,
A flor abrindo, o pássaro cantando;
E a terra¹²⁷ que entre risos acordava,
Ao sol do estio as roupas enxugava.

¹²² camenas;] Camenas; – em FAL1870.

¹²³ vida.] vida – em PC1937.

¹²⁴ Tinha-o] Tinha-o, – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

¹²⁵ Elvira;] Elviva; – em FAL1870 e em PC1901; Elvira: – em PC1937..

¹²⁶ dous,] dois, – em PC1953, em TPCL, em PCRR e em OCA2015.

¹²⁷ terra] terra, – em PC1953.

XLIX

385 Tudo então lhe sorria. A natureza,
As musas, o futuro, o amor e a vida;¹²⁸
Quanto sonhara aquela mente acesa
Dera-lhe a sorte, enfim, compadecida.
Um paraíso, uma gentil beleza,¹²⁹
390 E a ternura castíssima e vencida
De um coração criado para amores,
Que exala afectos¹³⁰ como aroma as flores.

L

E ela? Se conheceste¹³¹ em tua vida,
Leitora, o mal do amor, delírio santo,
395 Dor que eleva e conforta a alma abatida,
Embriaguez do céu, divino encanto,
Se a tua face ardente e enrubescida
Palejou com suspiros e com prantos,
Se ardeste¹³² enfim, naquela intensa chama,
400 Entenderás o amor de ingênua dama.

LI

Repara que eu não falo desse enleio
De uma noite de baile ou de palestra;¹³³
Amor que mal agita a flor do seio,
E ao chá termina e acaba com a orquestra;
405 Não me refiro ao simples galanteio
Em que cada menina é velha mestra,
Averso ao sacrifício, à dor e ao choro;
Falo do amor, não falo do namoro.

LII

Éden de amor, ó solidão fechada,
410 Casto asilo a que o sol dos novos dias
Vai mandar, como a furto, a luz coada
Pelas frestas das verdes gelosias,
Guarda-os ambos; conserva-os recatada.
Almas feitas de amor e de harmonias,
415 Tecei, tecei as vívidas capelas,
Deixai correr sem susto as horas belas.

¹²⁸ vida;] vida, – em PC1937, em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL.

¹²⁹ beleza,] beleza. – em PC1937.

¹³⁰ afectos] afetos – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994, em TPCL, em PCRR e em OCA2015.

¹³¹ conheceste] cohreceste – em FAL1870.

¹³² Se ardeste] Se ardeste, – em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL.

¹³³ palestra;] palestra: – em PC1937.

LIII

Cá fora o mundo insípido e profano
Não dá, nem pode dar o enleio puro
Das almas novas, nem o doce engano
420 Com que se esquecem males do futuro.
Não busqueis penetrar neste¹³⁴ oceano¹³⁵
Em que se agita o temporal escuro.
Por fugir ao naufrágio e ao sofrimento,
Tendes uma enseada, – o casamento.

LIV

425 Resumamos, leitora, a narrativa.
Tanta 'strofe¹³⁶ a cantar etéreas chamas
Pede compensação, musa insensível,
Que fatigais¹³⁷ sem pena o ouvido às damas.
Demais, é regra certa e positiva
430 Que muitas vezes¹³⁸ as maiores famas
Perde-as uma ambição de tagarela;
Musa, aprende a lição; musa, cautela!

LV

Meses depois da cena relatada
Nas estrofes,¹³⁹ a folhas, – o poeta
435 Ouviu do velho Antero uma estudada
Oração cicerônica¹⁴⁰ e seleta;
A conclusão da arenga preparada
Era mais agradável que discreta.
Dizia o velho¹⁴¹ erguendo olhos serenos:
440 “Pois que se adoram, casem-se, pequenos!”¹⁴²

LVI

Lágrima santa, lágrima de gosto
Vertem olhos de Elvira; e um riso aberto →

¹³⁴ neste] nesse – em OCA2015.

¹³⁵ Em OCA1994, os versos 420 e 421 estão invertidos (trocados de posição).

¹³⁶ 'strofe] estrofe – em PC1937, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994, em TPCL, em PCRR e em OCA2015. Ao tempo do autor, a grafia “strofe” concorria com “estrofe”. No poema, o poeta usa ambas as formas. Adotamos (à moderna) o apóstrofo indicador de aférese.

¹³⁷ fatigais] fatigas – em PC1937.

¹³⁸ muitas vezes] muitas vezes, – em OCA1994.

¹³⁹ estrofes,] 'strofes, – em FAL1870. Ver nota 136.

¹⁴⁰ cicerônica] Cicerônica – em FAL1870.

¹⁴¹ velho] velho, – em PC1937, em PC1953 e em PCEC1976 e em TPCL.

¹⁴² No conto “Almas agradecidas”, publicado no *Jornal das Famílias* (1871, março, p. 65-75, e outubro, p. 96-108), referindo-se a um casal de apaixonados, diz um amigo ao outro palavras que parecem reminiscência deste verso: “– Sê feliz, que o mereces; não tens culpa disto. Procedeste honradamente; compreendo que era difícil estar ao pé dela sem sentir o fogo da paixão. Casa-te com Cecília, pois que se amam, e fica certo de que serei sempre o mesmo amigo.” (*Histórias românticas*, 1955, p. 128)

Veio inundar-lhe¹⁴³ de prazer o rosto
Como uma flor que abrisse no deserto.
445 Se iam já longe as sombras do desgosto;¹⁴⁴
Inda até li¹⁴⁵ era o futuro incerto;
Fez-lho¹⁴⁶ certo o ancião; e a moça grata
Beija a mão que o futuro lhe resgata.

LVII

Correm os banhos,¹⁴⁷ tiram-se dispensas,
450 Vai-se buscar um padre ao povoado;
Prepara-se o enxoval e outras pertenças
Necessárias agora ao novo estado.
Notam-se até algumas diferenças
No modo de viver do velho honrado,
455 Que sacrifica à noiva e aos deuses¹⁴⁸ lares
Um estudo dos clássicos jantares.

LVIII

“Onde vás tu?”¹⁴⁹ – À serra! – Vou contigo.¹⁵⁰
– Não,¹⁵¹ não venhas, meu anjo, é longa a estrada.¹⁵²
Se cansares? – Sou leve, meu amigo;¹⁵³
460 Descerei nos teus ombros carregada.¹⁵⁴
– Vou compor¹⁵⁵ encostado ao cedro antigo
Canto de núpcias. – Seguirei calada;¹⁵⁶
Junto de ti, ter-me-ás mais em lembrança;
Musa serei sem perturbar. – Criança!”¹⁵⁷

¹⁴³ inundar-lhe] inundar – em PC1937.

¹⁴⁴ desgosto;] desgosto, – em PC1953 e em PCEC1976 e em TPCL.

¹⁴⁵ Forma aferética de “ali”.

¹⁴⁶ Fez-lho] Fez-lhe – em OCA1994.

¹⁴⁷ Correm os banhos,] Correm-se banhos, – em FAL1870; Correm os bandos, – em PC1937. No conto “Quem não quer ser lobo...”, publicado no *Jornal das Famílias* (1872, abril, p. 103-118; maio, p. 129-139), Machado de Assis emprega esta mesma expressão: “Foi marcado o dia do casamento e começaram a correr os banhos.” (*Histórias românticas*, 1955, p. 225)

¹⁴⁸ deuses] deus – em PC1937.

¹⁴⁹ vás tu?] vais tu? – em PC1937, em PC1953 e em TPCL; vais tu?” – em OCA1959, em OCA1994, em PCRR e em OCA2015.

¹⁵⁰ – À serra! – Vou contigo.] “À serra.” “Vou contigo”. – em OCA1959; “À serra!” “Vou contigo”. – em OCA1994; – “À serra!” – “Vou contigo.” – em PCRR e em OCA2015.

¹⁵¹ – Não,] “Não, – em OCA1959 e em OCA1994; – Não, – em PCRR e em OCA2015.

¹⁵² Em PC1937, falta este verso.

¹⁵³ Se cansares? – Sou leve, meu amigo;] Se cansares? – Sou leve, meu amigo: – em PC1937; Se cansares?” “Sou leve, meu amigo; – em OCA1959 e em OCA1994; Se cansares?” – “Sou leve, meu amigo; – em PCRR e em OCA2015.

¹⁵⁴ carregada.] carregada”. – em OCA1959 e em OCA1994; carregada.” – em PCRR e em OCA2015.

¹⁵⁵ – Vou compor] “Vou compor – em OCA1959 e em OCA1994; – Vou compor – em PCRR e em OCA2015.

¹⁵⁶ Canto de núpcias. – Seguirei calada;] Canto de núpcias”. “Seguirei calada; – em OCA1959 e em OCA1994; Canto de núpcias.” – “Seguirei calada; – em PCRR e em OCA2015.

¹⁵⁷ Musa serei sem perturbar. – Criança!"] Musa serei sem perturbar”. “Criança!” – em OCA1959; Musa serei sem perturbar” “Criança!” – em OCA1994; Musa serei sem perturbar.” – “Criança!” – em PCRR e em OCA2015.

LIX

465 Brandamente repele Heitor a Elvira;
A moça fica; o poeta lentamente
Sobe a montanha. A noiva repetira
O primeiro pedido inutilmente.
Olha-o de longe, e tímida suspira.
470 Vinha a tarde caindo frouxamente,
Não triste, mas risonha e fresca e bela,
Como a vida da pálida donzela.

LX

Chegando, enfim, à c'roa da colina,
Viram olhos de Heitor o mar ao largo,
475 E o sol, que despe a veste purpurina,
Para dormir no eterno leito amargo.
Surge das águas¹⁵⁸ pálida e divina,
Essa que tem por deleitoso encargo
Velar amantes, proteger amores,
480 Lua, musa dos cândidos palores.

LXI

Respira Heitor;¹⁵⁹ é livre. O casamento?
Foi sonho que passou, fugaz ideia
Que não pôde durar mais que um momento.¹⁶⁰
Outra ambição a alma lhe incendeia.¹⁶¹
485 Dissipada a ilusão, o pensamento
Novo quadro a seus olhos patenteia,
Não lhe basta aos desejos de sua alma
A enseada da vida estreita e calma.

LXII

Aspira ao largo; pulsam-lhe no peito
490 Uns ímpetos de vida; outro horizonte,
Túmidas vagas, temporal desfeito,
Quer com eles lutar frente por frente.
Deixa o tranquilo amor, casto e perfeito,¹⁶²
Pelos bródios de Vênus de Amatonte;¹⁶³
495 A existência entre flores esquecida
Pelos rumores de mais ampla vida.

¹⁵⁸ águas] águas, – em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994.

¹⁵⁹ Heitor;] Heitor: – em PC1937.

¹⁶⁰ momento.] momento, – em PC1937 e em PC1953.

¹⁶¹ a alma lhe incendeia.] a alma incendeia. – em PC1937.

¹⁶² perfeito,] perfeito. – em PC1937.

¹⁶³ Amatonte: cidade de Chipre, célebre pelo culto que nela se consagrava a Adônis e a Vênus.

LXIII

Nas mãos da¹⁶⁴ noite desmaiara a tarde;
Descem ao vale as sombras vergonhosas;¹⁶⁵
Noite que o céu, por mofa ou por alarde,¹⁶⁶
500 Torna propícia às almas venturosas.
O derradeiro olhar frio e covarde
E umas não sei que estrofes¹⁶⁷ lamentosas
Solta o poeta, enquanto a triste Elvira,
Viúva antes de noiva, em vão suspira!

LXIV

505 Transpõe o mar Heitor, transpõe montanhas;
Tu, curiosidade, o ingrato levas
A ir ver o sol das regiões estranhas.¹⁶⁸
A ir ver o amor das peregrinas Evas.
Vai, em troco de palmas e façanhas,
510 Viver na morte, bracejar nas trevas;
Fazer do¹⁶⁹ amor, que é livro aos homens dado,
Copioso almanaque namorado.

LXV

Inscreve nele a moça de Sevilha,
Longas festas e noites espanholas,
515 A indiscreta e diabólica mantilha
Que a fronte cinge a amantes e a carolas.
Quantos encontra corações perfilha,
Faz da bolsa e do amor largas esmolos;
Esquece o antigo amor e a antiga musa
520 Entre os beijos da lépida andaluza.¹⁷⁰

LXVI

Canta no seio túrgido e macio
Da fogaosa, indolente Italiana,¹⁷¹
E dorme junto ao laranjal sombrio →

¹⁶⁴ da] do – em PC1901.

¹⁶⁵ vergonhosas;] vergonhosas. – em PC1937.

¹⁶⁶ alarde,] alarde – em TPCL.

¹⁶⁷ estrofes] 'strofes – em FAL1870. Ver nota 136.

¹⁶⁸ estranhas.] estranhas, – em PC1953, em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015.

¹⁶⁹ Fazer do] Faz erdo – em PC1901 (corrigido na errata). Observação: F azerdo – em outro exemplar, pertencente ao acervo da Brasileira USP. A existência dessa variante implica a existência de pelo menos dois estados desta primeira edição das *Poesias completas*. Esse fato – a existência de mais de um estado daquela edição – poderia, talvez, explicar algumas das numerosas variantes de pontuação que encontramos nas edições confrontadas para a realização desta nossa edição.

¹⁷⁰ andaluza] Andaluza – em FAL1870.

¹⁷¹ Italiana,] italiana, – em PC1937, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994, em TPCL, em PCRR e em OCA2015.

Ao som de uma canção napolitana.
525 Dão-lhe¹⁷² para os serões do ardente estio,
Asti,¹⁷³ os vinhos;¹⁷⁴ mulheres, a Toscana.¹⁷⁵
Roma adora, embriaga-se em Veneza,
E ama a arte nos braços da beleza.

LXVII

Vê Londres, vê Paris, terra das ceias,
530 Feira do amor a toda a bolsa aberta;
No mesmo laço, as belas como as feias,
Por capricho ou razão, iguais aperta;
A idade não pergunta às taças cheias,¹⁷⁶
Só pede o vinho que o prazer desperta;
535 Adora as outoniças, como as novas,
Torna-se herói de rua e herói de alcovas.

LXVIII

Versos¹⁷⁷ quando os compõe, celebram antes
O alegre vício que a virtude austera;
Canta os beijos e as noites delirantes,
540 O estéril gozo que a volúpia gera;
Troca a ilusão que o seduzia dantes
Por maior e tristíssima quimera;
Ave do céu, entre ósculos¹⁷⁸ criada,
Espalha as plumas brancas pela estrada.

LXIX

545 Um dia, enfim, cansado e aborrecido,
Acorda Heitor; e¹⁷⁹ olhando em roda e ao largo,¹⁸⁰
Vê um deserto, e do prazer perdido
Resta-lhe unicamente o gosto amargo;
Não achou o ideal apetecido
550 No longo e profundíssimo letargo;
A vida exausta em festas¹⁸¹ e esplendores,
Se algumas¹⁸² tinha, eram já murchas flores.

¹⁷² Dão-lhe] Dão-lhe, – em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994.

¹⁷³ Asti: cidade italiana, localizada no Piemonte, famosa pela produção de vinhos.

¹⁷⁴ vinhos;] vinhos, – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994, em TPCL e em PCRR.

¹⁷⁵ Toscana.] Toscana, – em PC1937; Toscana; – em PC1953.

¹⁷⁶ cheias,] cheias; – em OCA1994.

¹⁷⁷ Versos] Versos, – em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994.

¹⁷⁸ entre ósculos] entre os ósculos – em FAL1870 (corrigido na errata).

¹⁷⁹ e] e, – em PC1937, em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994.

¹⁸⁰ largo,] largo. – em OCA1994.

¹⁸¹ festas] feitos – em FAL1870 (corrigido na errata).

¹⁸² algumas] alguma – em FAL1870.

LXX

Ora, uma noite, costeando o Reno,
Ao luar melancólico, – buscava
555 Aquele gozo simples, doce, ameno,
Que à vida toda outrora lhe bastava;
Voz remota, cortando o ar sereno,
Em derredor os ecos acordava;
Voz aldeã que o largo espaço enchia,
560 E uma canção de Schiller¹⁸³ repetia.

LXXI

“A glória! diz Heitor, a glória é vida!”¹⁸⁴
Por que busquei nos gozos de outra sorte
Esta¹⁸⁵ felicidade apetecida,
Esta¹⁸⁶ ressurreição que anula a morte?
565 Ó ilusão fantástica e perdida!
Ó malgasto, ardentíssimo transporte!
Musa, restaura as apagadas tintas!
Revivei, revivei, chamas extintas!”¹⁸⁷

LXXII

A glória? Tarde vens, pobre exilado!
570 A glória pede as ilusões viçosas,
Estro em flor, coração eletrizado,¹⁸⁸
Mãos que possam colher etéreas rosas;
Mas tu, filho do ócio e do pecado,
Tu que perdeste as forças portentosas
575 Na agitação que os ânimos abate,
Queres colher a palma do combate?

LXXIII

Chamas em vão as musas; deslembradas,
A¹⁸⁹ tua voz os seus ouvidos cerram;
E nas páginas virgens, preparadas,
580 Pobre poeta, em vão teus olhos erram;
Nega-se a inspiração; nas despregadas
Cordas da velha lira, os sons que encerram →

¹⁸³ Friedrich von Schiller (1750-1805): poeta alemão, autor de famosos *Lieder* (canções).

¹⁸⁴ “A glória! diz Heitor, a glória é vida!” “A glória!” diz Heitor, “a glória é vida! – em PCRR e em OCA2015.

¹⁸⁵ Esta] Essa – em OCA2015.

¹⁸⁶ Esta] Essa – em OCA2015.

¹⁸⁷ Diferentemente das outras estrofes que trazem discurso direto de personagem, esta (assim como outras mais adiante) não traz aspas no início de todos os versos em PC1901.

¹⁸⁸ eletrizado,] eletrizado. – em OCA1994.

¹⁸⁹ A] Â – em FAL1870, em PC1937, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994, em PCRR e em OCA2015. Neste caso, o sinal de crase é facultativo; não vimos razão para alterar o texto-base.

Inertes dormem; teus cansados dedos
Correm debalde; esquecem-lhe os segredos.

LXXIV

585 Ah! se a taça do amor e dos prazeres
Já não guarda licor que te embriague;
Se nem musas nem lânguidas mulheres
Têm¹⁹⁰ coração que o teu desejo apague;
Busca a ciência, estuda a lei dos seres,
590 Que a mão divina tua dor esmague;
Entra em ti, vê o que és, observa em roda,
Escuta e palpa a natureza toda.

LXXV

Livros compra, um filósofo procura;
Revolve a criação, prescruta¹⁹¹ a vida;
595 Vê se espancas a longa noite escura
Em que a estéril razão andou metida;
Talvez aches a palma da ventura
No campo das ciências escondida.
Que a tua mente as ilusões esqueça:
600 Se o coração morreu, vive a cabeça!

LXXVI

Ora, por não brigar coos meus leitores,
Dos quais, conforme a curta ou longa vista,
Uns pertencem aos grupos novadores,¹⁹²
Da fria comunhão materialista;
605 Outros, seguindo exemplos dos melhores,
Defendem a teoria idealista;
Outros, enfim,¹⁹³ fugindo armas extremas,
Vão curando por ambos os sistemas.¹⁹⁴

LXXVII

Direi que o nosso¹⁹⁵ Heitor, após o estudo
610 Da natureza e suas harmonias,
(Opondo a¹⁹⁶ consciência um forte escudo
Contra divagações e fantasias); →

¹⁹⁰ Têm] Tem – em PC1937.

¹⁹¹ prescruta] perscruta – em PC1937, em PC1953, em OCA1959, em OCA1994, em PCRR e em OCA2015.

¹⁹² novadores,] novadores – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

¹⁹³ enfim,] enfim – em OCA1994.

¹⁹⁴ sistemas.] sistemas; – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994, em TPCL, em PCRR e em OCA2015.

¹⁹⁵ nosso] nesse – em PC1901.

¹⁹⁶ a] à – em PC1937, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994, em TPCL, em PCRR e em OCA2015. Entendemos que “a consciência” é sujeito do verbo “opor”.

Depois de ter aprofundado tudo,
Planta, homem, estrelas, noites, dias,
615 Achou esta lição inesperada:
Veio a saber que não sabia nada.

LXXVIII

“Nada!¹⁹⁷ exclama um filósofo amarelo
Pelas¹⁹⁸ longas vigílias, afastando
Um livro que há de dar¹⁹⁹ um dia ao prelo²⁰⁰
620 E em cujas folhas ia trabalhando.
Pois eu, doutor de borla e de capelo,
Eu que passo os meus dias estudando,
Hei de ler o que escreve pena ousada,
Que a ciência da vida acaba em nada?”²⁰¹

LXXIX

625 Aqui convinha intercalar com jeito,
Sem pretensão, nem pompa nem barulho,
Uma arrancada apóstrofe do peito²⁰²
Contra as vãs pretensões do nosso orgulho;
Conviria mostrar em todo o efeito
630 Essa que é²⁰³ dos espíritos entulho,
Ciência vã, de magnas leis tão rica,
Que ignora tudo, e tudo ao mundo explica.

LXXX

Mas, urgindo acabar este romance,
Deixo em paz o filósofo, e procuro
635 Dizer do vate o doloroso trance²⁰⁴
Quando se achou mais peço e mais escuro.
Valera bem naquele triste lance
Um sorriso do céu plácido e puro,
Raio do sol eterno da verdade,
640 Que a vida aquece e alenta a humanidade.

LXXXI

Quê! nem ao menos na ciência havia
Fonte que a eterna sede lhe matasse? →

¹⁹⁷ “Nada!] “Nada!” – em PCRR e em OCA2015.

¹⁹⁸ Pelas] “Pelas – em PCRR.

¹⁹⁹ dar] ver – em FAL1870.

²⁰⁰ prelo] prelo, – em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL.

²⁰¹ Ver nota 187.

²⁰² peito] peio – em FAL1870.

²⁰³ é] és – em FAL1870.

²⁰⁴ trance] transe – em PCEC1976, em TPCL, em PCRR e em OCA2015.

Nem no amor, nem no seio da poesia
Podia nunca repousar a face;²⁰⁵
645 Atrás desse fantasma correria
Sem que jamais as formas lhe palpasse?
Seria acaso a sua ingrata sorte
A ventura encontrar nas mãos da morte?

LXXXII

A morte! Heitor pensara alguns momentos²⁰⁶
650 Nessa sombria porta aberta à vida;
Pálido arcanjo dos finais alentos
De alma que o céu deixou desiludida;
Mão que, fechando os olhos sonolentos,
Põe o termo fatal à humana lida;
655 Templo de glória ou região do medo,
Morte, quem te arrancara o teu segredo?

LXXXIII

Vazio, inútil, ermo de esperanças
Heitor buscava a noiva ignota e fria,
Que o envolvesse então nas longas tranças
660 E o conduzisse à câmara sombria,
Quando, em meio de pálidas lembranças,
Surgiu-lhe a ideia de um remoto dia,
Em que²⁰⁷ cingindo a cândida capela²⁰⁸
Estava a pertencer-lhe²⁰⁹ uma donzela.

LXXXIV

665 Elvira! o casto amor!²¹⁰ a esposa amante!
Rosa de uma estação, deixada²¹¹ ao vento!
Riso dos céus! estrela rutilante
Esquecida no azul do firmamento!
Ideal, meteoro de um instante!
670 Glória da vida, luz do pensamento!
A gentil, a formosa realidade!
Única dita e única verdade!

LXXXV

Ah! por que²¹² não ficou terno²¹³ e tranquilo
Da ingênua moça nos divinos braços? →

²⁰⁵ face;] face? – em FAL1870.

²⁰⁶ pensara alguns momentos] pensara momentos – em OCA1994.

²⁰⁷ Em que] Em que, – em PC1937.

²⁰⁸ capela] capela, – em PC1937.

²⁰⁹ pertencer-lhe] pertencer-te – em OCA1994.

²¹⁰ o casto amor!] O casto amor! – em TPCL.

²¹¹ deixada] deixado – em TPCL.

²¹² por que] Por que – em PCRR e em OOCA2015.

²¹³ terno] calmo – em FAL1870.

675 Por que fugira ao casto e alegre asilo?
Por que rompera os malformados laços?
Quem pudera jamais restituí-lo
Aos estreitos, fortíssimos abraços
Com que Elvira apertava enternecida
680 Esse que lhe era o amor, a alma e a vida?

LXXXVI

Será tempo? Quem sabe? Heitor hesita;
Tardio pejo lhe enrubesce a face;
Punge o remorso; o coração palpita,²¹⁴
Como se vida nova o reanimasse;
685 Tênuo fogo, entre a cinza, arde e se agita...
Ah! se o passado ali ressuscitasse
Reviveriam²¹⁵ ilusões viçosas,
E a gasta vida rebentara em rosas!²¹⁶

LXXXVII

Resolve Heitor voltar ao vale amigo,
690 Onde ficara a noiva abandonada.
Transpõe o mar,²¹⁷ afronta-lhe o perigo,
E chega enfim à terra desejada.
Sobe o monte, contempla o cedro antigo,
Sente abrir-se-lhe n'alma a flor murchada
695 Das ilusões que um dia concebera;
Rosa extinta da sua primavera!

LXXXVIII

Era a hora em que os serros do oriente
Formar parecem luminosas urnas,²¹⁸
E abre o sol a pupila resplendente
700 Que às folhas sorve as lágrimas noturnas;
Frouxa brisa amorosa e diligente
Vai acordando as sombras taciturnas;
Surge nos braços dessa aurora estiva
A alegre natureza rediviva.

LXXXIX

705 Campa era o mar; o vale estreito berço;
De um lado a morte,²¹⁹ do outro lado a vida, →

²¹⁴ palpita,] palpita – em FAL1870.

²¹⁵ Reviveriam] Reviviriam – em FAL1870, em PC1901, em PCEC1976 e em TPCL. Se o verbo fosse “revivificar”, a forma correta seria “revivificariam”.

²¹⁶ rosas!] rosas – em TPCL.

²¹⁷ mar,] lar, – em FAL1870.

²¹⁸ urnas;] urnas, – em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL.

²¹⁹ morte,] morte – em PC1937.

Canto do céu, resumo do universo,
Ninho para aquecer a ave abatida.
Inda nas sombras todo o vale imerso,²²⁰
710 Não acordara à costumada lida;
Repousava no plácido abandono
Da paz tranquila e do tranquilo sono.

XC

Alto já ia o sol, quando descera
Heitor a oposta face da montanha;
715 Nada do que deixou desaparecera;²²¹
O mesmo rio as mesmas ervas banha.
A casa, como então, garrida e austera,²²²
Do sol nascente a viva luz apanha;
Iguais flores, nas plantas renascidas...
720 Tudo ali fala de perpétuas vidas!

XCI

Desce o poeta cauteloso e lento.
Olha de longe; um vulto ao sol erguia
A veneranda fronte, monumento
De grave e celestial melancolia.
725 Como sulco de um fundo pensamento
Larga ruga na testa abrir se via,²²³
Era a ruína talvez de uma esperança...
Nos braços tinha uma gentil criança.²²⁴

XCII

Ria a criança; o velho contemplava
730 Aquela flor que às auras matutinas
O perfumoso cálix desbrochava
E entrava a abrir as pétalas divinas.
Triste sorriso o rosto lhe animava,²²⁵
Como um raio de lua entre ruínas.
735 Alegria infantil, tristeza austera,
O inverno torvo, a alegre primavera!²²⁶

XCIII

Desce o poeta, desce, e preso, e fito
Nos belos olhos do gentil infante, →

²²⁰ imerso,] imerso. – em PC1937.

²²¹ desaparecera;] desaparecera; – em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994.

²²² austera,] austera. – em TPCL.

²²³ via,] via. – em PC1937; via; – em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL.

²²⁴ criança.] criança – em OCA1994.

²²⁵ animava,] animava. – em TPCL.

²²⁶ a alegre primavera!] alegre primavera! – em PCEC1976 e em TPCL.

740 Treme, comprime o peito... e após um grito²²⁷
Corre alegre, exaltado e delirante,²²⁸
Ah! se jamais as vozes do infinito
Podem sair de um coração amante,²²⁹
Teve-as aquele... Lágrimas sentidas
Lhe inundaram as faces ressequidas!

XCIV

745 “Meu filho!” exclama, e súbito parando
Ante o grupo ajoelha o libertino;
Geme, soluça, em lágrimas beijando
As mãos do velho e as tranças do menino.
750 Ergue-se Antero, e frio e venerando,
Olhos no céu, exclama: “Que destino!
Murchar-lhe, viva, a rosa da ventura;
Morta, insultar-lhe a paz da sepultura!”

XCV

“Morta! – Sim! – Ah! senhor! se arrependido²³⁰
Posso alcançar perdão, se com meus prantos,
755 Posso apiedar-lhe o coração ferido
Por tanta mágoa e longos desencantos;
Se este infante, entre lágrimas nascido,
Pode influir-me os seus afectos²³¹ santos...
É meu filho, não é? perdão lhe imploro!
760 Veja, senhor! eu sofro, eu creio, eu choro!”²³²

XCVI

Olha-o com frio orgulho o velho honrado;
Depois, fugindo àquela²³³ cena estranha,
Entra em casa. O poeta, acabrunhado,
Sobe outra vez a encosta da montanha;
765 Ao cimo chega, e desce o oposto lado
Que a vaga azul entre soluços banha.
Como fria ironia a tantas mágoas,
Batia o sol de chapa sobre as águas.

²²⁷ e após um grito] e, após um grito, – em PC1953; e após um grito, – em PCEC1976; e após um grito. – em TPCL.

²²⁸ delirante,] delirante. – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

²²⁹ amante,] amante. – em TPCL.

²³⁰ “Morta! – Sim! – Ah! senhor! se arrependido] “Morta!” “Sim!” “Ah! senhor! se arrependido – em OCA1959 e em OCA1994; “Morta!” – “Sim!” – “Ah! senhor! se arrependido – em PCRR e em OCA2015.

²³¹ afectos] afetos – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994, em TPCL, em PCRR e em OCA2015.

²³² Ver nota 187.

²³³ àquela] aquela – em FAL1870 e em PC1901.

XCVII

- 770 Pouco tempo depois ouviu-se um grito,
Som de um corpo nas águas resvalado;
À flor das vagas veio um corpo aflito...²³⁴
Depois... o sol tranquilo e o mar calado.²³⁵
Depois... Aqui termina o manuscrito,²³⁶
Que ora em letra de forma é publicado.²³⁷
775 Nestas estrofes pálidas e mansas,²³⁸
Para te divertir de outras lembranças.²³⁹

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

- FAL1870 – *Falenas*, 1870.
OCA1959 – *Obra completa*, 1959.
OCA1994 – *Obra completa*, 1994.
OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.
PC1901 – *Poesias completas*, 1901.
PC1937 – *Poesias completas*, 1937.
PC1953 – *Poesias completas*, 1953.
PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.
PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.
TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

Referências

- ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].
ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.
ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.
ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.
ASSIS, Machado de. *Histórias da meia-noite*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1955.
ASSIS, Machado de. *Histórias românticas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1955.
ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

²³⁴ aflito...] aflito. – em PC1937 e em PC1953.

²³⁵ calado.] calado – em PC1937.

²³⁶ manuscrito.] manuscrito. – em PC1937. Em FAL1870, deste ponto em diante, vêm os seguintes três versos: “Que me legou antigo deputado, / Homem de alma de ferro, e olhar sinistro, / Que morreu velho e nunca foi ministro.” Abaixo dos versos vem a palavra FIM.

²³⁷ publicado.] publicado, – em PC1937, em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994.

²³⁸ mansas,] mausas, – em PC1901.

²³⁹ Em OCA1959, ao pé do poema, vem esta indicação: FIM DE “FALENAS”; em OCA1994, FIM / DE “FALENAS”.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

MIASSO, Audrey Ludmilla do Nascimento. *Epígrafes e diálogos na poesia de Machado de Assis*. São Carlos: EdUFSCAR, 2017.

SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.